

SEÇÃO IV

Economia Agrícola

Sumário

O Ipea estima que o produto interno bruto (PIB) agropecuário tenha caído 0,5% em 2018, principalmente devido à lavoura (-3,4%). A pecuária, em contrapartida, teve resultado positivo, de 3,2%. Para o ano de 2019, o Ipea projeta crescimento de 0,4% do PIB agropecuário, levando em conta o prognóstico de safra e as pesquisas trimestrais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Especificamente, o crescimento previsto para o valor adicionado da lavoura é de 0,7%. O setor agropecuário ainda foi o responsável pela variação negativa da renda do agronegócio (que agrega, além da produção agropecuária primária, insumos para a agropecuária, agroindústria e agrosserviços) entre os meses de janeiro a novembro de 2018 calculada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea)/ Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) (-0,71%). Por outro lado, os insumos e a agroindústria apresentaram variações positivas, 11,89% e 1,2%, respectivamente.

Esta seção conta ainda com a análise detalhada dos mercados e preços agropecuários no quarto trimestre de 2018, período no qual a maior parte dos produtos analisados apresentou quedas em relação ao trimestre anterior, sobretudo para os grãos. Porém, importantes mercados pecuários, como boi gordo e carnes suína e frango, tiveram elevação dos preços. Em relação aos preços médios de 2018, soja, milho, trigo, algodão, laranja, batata, leite, boi gordo e frango tiveram aumento frente a 2017. Já os preços médios do arroz, banana, café, carne suína e ovos registraram redução.

No que se refere ao comércio externo do setor, os três principais produtos da pauta de exportação – soja em grãos, celulose e farelo de soja – apresentaram crescimento elevado de 2017 e 2018, tanto em valor como em quantidade, compensando o desempenho negativo de praticamente todos os demais produtos. Apesar de o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais ser bem inferior ao das exportações, o trigo continua sendo o produto importado mais significativo, cujo valor aumentou em 31% em 2018.

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

1 Mercados e preços agropecuários ¹

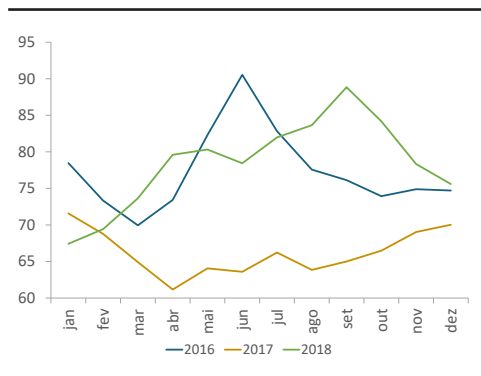


No último trimestre de 2018, a maioria dos mercados agrícolas acompanhados nessa seção da *Carta de Conjuntura* foi marcada por quedas de preços em relação ao trimestre imediatamente anterior, sobretudo para os grãos. Todavia, para importantes mercados pecuários (boi gordo e carnes suína e de frango), registraram-se elevações dos preços. Comparados os preços médios de 2018 com os de 2017, houve aumento para soja, milho, trigo, algodão, laranja, batata, leite, boi gordo e frango. Os produtos para os quais se registrou redução dos preços na comparação anual foram arroz, banana, café, carne suína e ovos.

Os preços da soja no Brasil acumularam quedas sucessivas no último trimestre de 2018. Esse movimento refletiu a possibilidade de retomada das negociações entre os Estados Unidos e a China, a expectativa de maior oferta na América do Sul no primeiro semestre de 2019 e a queda na taxa de câmbio no período. Com isso, no quarto trimestre de 2018, a média do Indicador Cepea/Esalq Paraná foi 6,4% menor que a do trimestre imediatamente anterior. Apesar da redução no último trimestre, o preço médio de 2018 foi 18,5% maior que o de 2017, resultado da elevada demanda externa pela soja brasileira e seus derivados e da desvalorização do real frente ao dólar, mesmo diante da produção e produtividade recordes do produto na safra de 2017/2018, conforme mostra o gráfico 1.

GRÁFICO 1

Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja
(Em R\$, por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Soja:

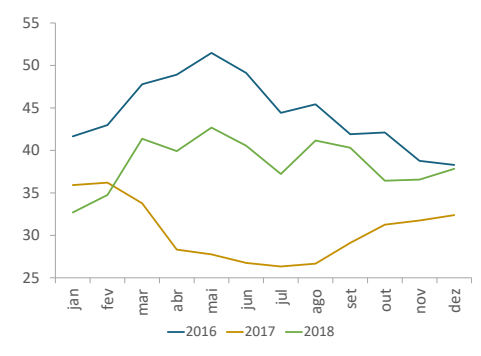
A perspectiva é que os sojicultores permaneçam retraídos para a venda do grão no início de 2019, aguardando o avanço da colheita e a consolidação do impacto das chuvas irregulares durante o mês de dezembro na produtividade das lavouras. Estimativas recentes da Companhia Nacional e Abastecimento (Conab) apontam para redução de 3,3% na produção de soja da safra 2018/2019, atrelada à possibilidade de retração de 5,5% da produtividade. A disputa comercial entre os Estados Unidos e a China também é foco do setor no início de 2019.

Em outubro, os preços do milho tiveram expressiva queda, pressionados para baixo pela maior oferta do produto decorrente da colheita da segunda safra. Já nos dois meses seguintes, os preços apresentaram leve alta, reflexo da maior pressão de ofertantes (que seguraram os produtos) diante da redução no ritmo das exportações e de uma preocupação quanto ao impacto na produtividade das chuvas irregulares nas regiões produtoras da primeira safra de milho (principalmente no Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo). A modesta aceleração dos preços em

¹ Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (geral); André Sanches (Grãos); Marcela Barbieri, Caroline Ribeiro, João Paulo Bernardes Deleo (Hotifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (Cafê); Natália Salaro Grigol (Leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi); e Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Cepea, da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP).

novembro e dezembro não foi suficiente para compensar a redução verificada em outubro: a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho teve baixa de 6,6% em relação ao trimestre imediatamente anterior (gráfico 2). Apesar das reduções nos últimos dois trimestres, na comparação entre 2018 e 2017, o preço do milho teve alta de 26%, tendo em vista que a safra 2017/2018 foi 16,8% menor que a de 2016/2017, prejudicada pela queda de produtividade decorrente do clima desfavorável.

GRÁFICO 2
Indicador Esalq/BM&FBovespa de Preço do Milho
(Em R\$, por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

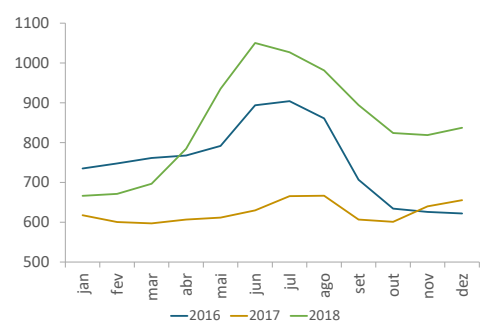


Perspectivas Milho:

A colheita da primeira safra de milho iniciou em algumas regiões do Sul do país em dezembro, e a expectativa é que o avanço da colheita no início de 2019 pressione para baixo os preços do cereal no mercado doméstico. Por outro lado, a expectativa é de queda de produtividade devido às chuvas irregulares durante o desenvolvimento do cereal pode limitar a queda.

No último trimestre de 2018, os preços do trigo acumularam quedas, reflexo da maior oferta doméstica, consequência do avanço da colheita, combinada à fraca demanda pelo grão nacional, e aos estoques mais alongados de moinhos e indústrias. A média do indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo no quarto trimestre foi 14,6% menor que a média do trimestre anterior. Na comparação de 2018 e 2017, o preço do trigo apresentou elevação de 35,9% (gráfico 3), mesmo comportamento observado com a soja e o milho.

GRÁFICO 3
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

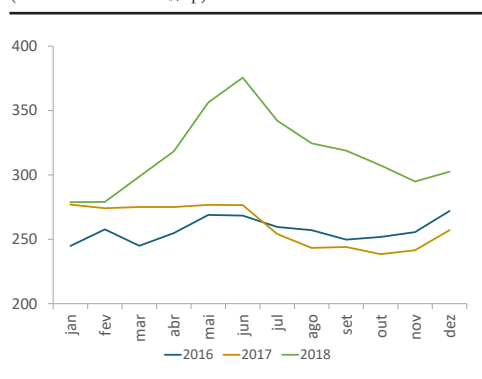


Perspectivas Trigo:

No início de 2019, a expectativa é de estabilidade ou alguma elevação dos preços do trigo. A queda na qualidade da produção do grão no país em 2018 estimulou a importação. A Argentina, principal fornecedora de trigo para o Brasil, deve registrar crescimento na oferta em 2019, mas também maior interesse de outros compradores, o que tende a elevar os preços. Em termos mundiais, a oferta de 2018/2019 será menor, enquanto o consumo deverá ser ligeiramente maior, reduzindo a relação estoque final/consumo e impulsionando os preços.

A média do Indicador Cepea/Esalq de preços da pluma do algodão no quarto trimestre foi 8,2% inferior que a do trimestre imediatamente anterior (gráfico 4). Essa queda foi reflexo da baixa qualidade do produto ainda disponível para negociar no último trimestre do ano. Todavia, mesmo com as quedas de preços nos últimos dois trimestres, na comparação entre os preços médios de 2018 e de 2017, houve alta de 21,2%, resultado dos bons patamares de preços no primeiro semestre. Essa elevação (nos primeiros seis meses de 2018) decorreu do baixo estoque doméstico, da paridade de exportação positiva (com elevados preços externos e desvalorização do real frente ao dólar) com bom desempenho dos embarques da pluma e também da paralisação dos caminhoneiros no mês de maio de 2018.

GRÁFICO 4
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma
(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.
* Principais regiões produtoras.

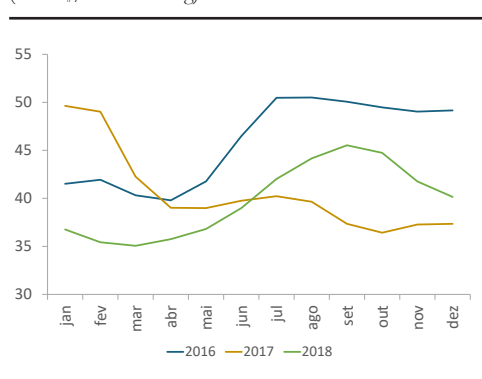


Perspectivas Algodão:

A expectativa é de que a safra nacional de 2018/2019 de algodão em pluma alcance novamente recorde de produção, impulsionada pela elevação da área. Esse crescimento, por sua vez, está associado à perspectiva de maior rentabilidade do algodão frente às culturas concorrentes em área.

O preço de arroz teve queda de 3,8% no último trimestre do ano de acordo o Indicador de Preço do Arroz em Casca Esalq/Senar Rio Grande do Sul, quebrando o ritmo de crescimento de preços dos dois trimestres anteriores. Esse movimento foi reflexo dos maiores estoques nas indústrias compradoras, fazendo com que produtores com necessidade de “fazer caixa” aceitassem vender a valores menores. Já na comparação entre 2018 e 2017, a redução foi de 2% (gráfico 5). Os baixos preços do arroz em 2018 foram em consequência de falta de demanda doméstica e em decorrência da expectativa no primeiro trimestre de maior disponibilidade da safra 2017/2018, que pressionou os preços no período.

GRÁFICO 5
Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca
(Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Arroz:

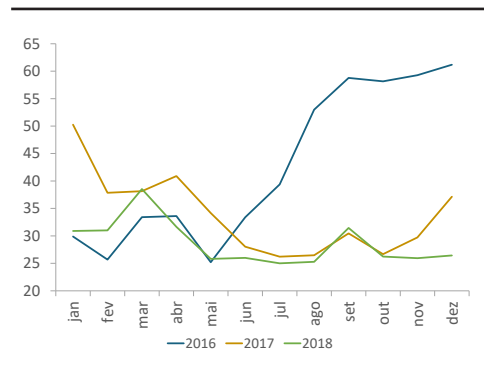
Com o semeio da safra 2018/2019 já finalizado, as atenções dos agentes do mercado se voltam ao desenvolvimento das lavouras. Por enquanto, a Conab estima a produção nacional da safra 2018/2019 em 11,2 milhões de toneladas, quantidade 7% inferior à safra anterior. A menor produção deve ser resultado, principalmente, da redução de 8% na área semeada, reflexo da menor rentabilidade da cultura frente às demais culturas concorrentes em áreas. Então, pelo segundo ano consecutivo, espera-se redução de produção, de disponibilidade interna e dos níveis de estoques de arroz no Brasil.

O último trimestre de 2018 foi de redução de preços para a banana (nanica). Os principais ofertantes da variedade estavam comercializando frutas de “inverno”, marcadas pela menor qualidade (como o escurecimento na casca devido à exposição da fruta a longas horas em temperaturas baixas). Além disso, em dezembro, o mercado encontrava-se desacelerado devido às festas de fim de ano e às férias escolares. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o preço da banana teve queda de 4%, e, na comparação entre os preços médios de 2018 e de 2017, houve redução de 15% (gráfico 6).

GRÁFICO 6

Preço médio de comercialização da banana nanica no atacado em São Paulo¹

(Em R\$/caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Nota: ¹ Preços de comercialização na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp).



Perspectivas Banana:

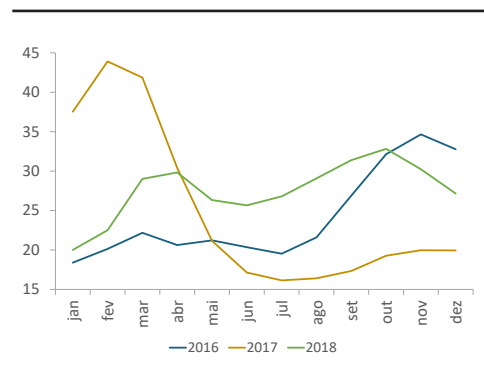
O primeiro trimestre de 2019 será marcado pelo aumento da oferta de banana nanica, em razão da colheita das principais regiões produtoras da variedade. Esperava-se que o aumento da disponibilidade fosse gradual ao longo de 2019, mas as elevadas temperaturas no início do verão aceleraram a maturação dos frutos, levando a um aumento de oferta já em janeiro.

O quarto trimestre de 2018 foi de preços bons para a laranja pera no mercado *in natura* – mesmo apresentando leve redução em novembro e dezembro, os preços médios do último trimestre de 2018 foram 3% superiores aos do trimestre anterior. O cenário foi desencadeado pela baixa produtividade da safra 2018/2019, bem como pelo volume mais restrito no segmento de mesa, uma vez que boa parte das frutas já estava contratada pela indústria. Nos preços médios de 2018 como um todo houve alta de 10% frente a 2017 (gráfico 7). Em geral, o bom patamar de preços da fruta em 2018 resultou da menor produção de laranjas no cinturão citrícola, formado por São Paulo e Triângulo Mineiro.

GRÁFICO 7

Preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado em São Paulo

(Em R\$/caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



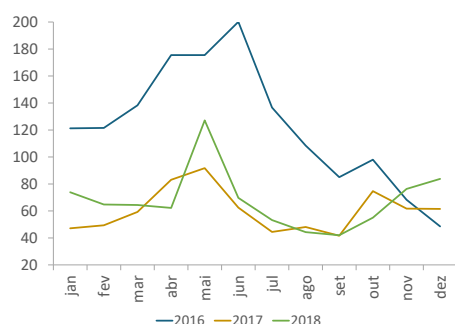
Perspectivas Laranja:

Para o primeiro trimestre de 2019, espera-se alta nos preços da laranja, já que a colheita da safra 2018/2019 começa a se finalizar no mês de janeiro. Além disso, as temperaturas mais elevadas no período podem impulsionar o consumo da fruta. O cenário deve permanecer até abril, quando as primeiras laranjas precoces de 2019/2020 podem ser colhidas.

O último trimestre de 2018 foi marcado por alta nos preços da batata, em decorrência de um ajuste de mercado, já que há praticamente dois anos os preços estavam abaixo dos custos de produção. A alta se deu pela desaceleração da safra de inverno, que se encerrou durante o trimestre, e pela menor área de cultivo na safra das águas, que teve início também nesse período. Em consequência disso, na comparação entre o terceiro e o quarto trimestres de 2018, os preços da batata aumentaram 54,4%, com os preços médios de 2018 encerrando o ano em patamar 12,6% superior que o de 2017 (gráfico 8).

GRÁFICO 8

Preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado em São Paulo¹
(Em R\$/saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Nota: ¹ Preços de comercialização na Ceagesp.



Perspectivas Batata:

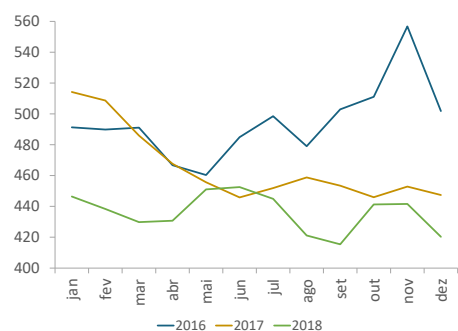
Para o primeiro trimestre de 2019, a previsão é que os preços se mantenham acima dos custos de produção. Pode haver uma alta ao longo desse trimestre uma vez que, com o bom patamar de preços, os produtores podem ter adiantado a colheita entre dezembro e janeiro, o que resultaria em menor oferta a partir de fevereiro e até maio.

No quarto trimestre de 2018, foram observados grandes volumes de negócios no mercado físico do café arábica, além do fechamento de negócios futuros para entrega em 2019. As negociações concentraram-se em outubro, quando os preços domésticos foram impulsionados pelo avanço dos preços externos e pelo dólar relativamente mais valorizado. Na segunda metade de novembro, os preços externos apresentaram queda, impactando negativamente os preços internos. Apesar da queda observada em dezembro, com os aumentos de preços em outubro e início de novembro, a média do Indicador do Café Arábica Cepea/Esalq teve alta de 1,69% em relação ao trimestre imediatamente anterior. Na comparação entre 2018 e 2017, no entanto, os preços médios recuaram 6,35%, movimento associado à produção recorde dos cafés arábica e robusta no Brasil na safra 2018/2019, e consequente recuperação dos estoques globais do produto, e também às boas expectativas em relação à próxima safra (gráfico 9).

O último trimestre de 2018 foi marcado pela queda dos preços do leite para o produtor, com redução de 10,3% frente ao trimestre imediatamente anterior (gráfico 10). A queda mais intensa foi observada em dezembro, em virtude da redução do preço do leite processado UHT (14,8%) em novembro, na tentativa da indústria de atrair consumidores. Além disso, os preços também foram influenciados por certa especulação de agentes e assimetrias de informação em relação ao volume de produção ofertado e à formação de estoques. Agentes justificaram a queda de preços em função do aumento da produção, mas os volumes amostrados pelo Cepea

de outubro para novembro indicaram crescimento de apenas 1,4% no índice de captação de leite (ICAP-L), o que teria contribuído para o aumento dos custos de produção neste último trimestre. Vale destacar que, apesar de ter apresentado reduções desde agosto, o preço médio do leite recebido pelo produtor em 2018 esteve em patamar 10,1% superior que o observado em 2017. O aumento esteve atrelado à oferta limitada, já que os preços muito baixos no final de 2017 fizeram com que muitos produtores abandonassem a atividade ou diminuíssem os investimentos.

GRÁFICO 9
Indicador Cepea/ESALQ do café arábica
(Em R\$/saca de 60 kg)



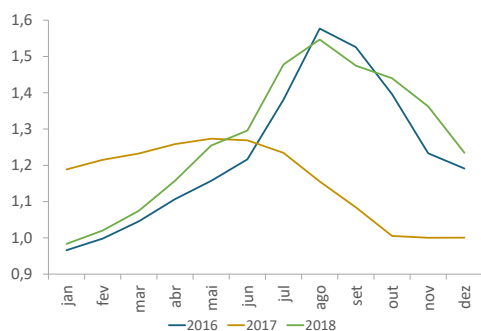
Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Café:

A safra 2019/2020 deve atingir uma produção recorde para uma safra de ciclo bienal negativo. Entretanto, o clima mais quente de janeiro é mais preocupante para os produtores. A alta incidência de broca nesta próxima safra pode ser um fator limitante na comercialização do café.

GRÁFICO 10
Preço do leite recebido pelo produtor
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Obs.: Preço líquido, sem frete e impostos.

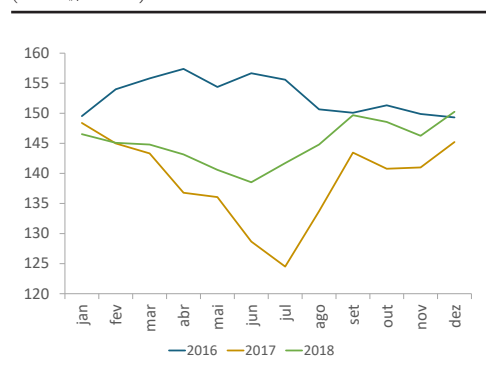
Perspectivas Leite:

O cenário para o primeiro trimestre de 2019 é de incertezas, pois a alta dos custos de produção limitou os investimentos na atividade. Com isso, a oferta em dezembro foi menor que a esperada pelas indústrias, intensificando a competição pela matéria-prima. Nesse cenário, o mês de janeiro tem apresentado transição na tendência do mercado, com altas de preços em algumas regiões. Para fevereiro, espera-se alta dos preços ao produtor em todas as regiões produtoras.

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo do último trimestre de 2018 foi 2% superior à do trimestre anterior (gráfico 11). No entanto, o resultado positivo para os preços no último trimestre do ano foi limitado pelas quedas das médias nos meses de outubro e de novembro, comportamento atípico para um período de entressafra, explicado pela relativa concentração das vendas. O aumento dos custos de produção nesse ano levou muitos confinadores a adiarem a engorda dos primeiros giros (ciclos de confinamento ao longo do ano), ofertando um número maior de animais nos meses de outubro e novembro. Na comparação entre os

preços médios de 2018 e de 2017, houve aumento de 4,4%. A recuperação do consumo doméstico foi mais lenta que o esperado, cenário desfavorável aos preços. Todavia, o elevado ritmo das exportações no segundo semestre, inclusive a demanda de lotes de animais com características diferenciadas para nichos de mercados específicos, influenciaram positivamente o preço da arroba.

GRÁFICO 11
Indicador Esalq/BM&FBovespa do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

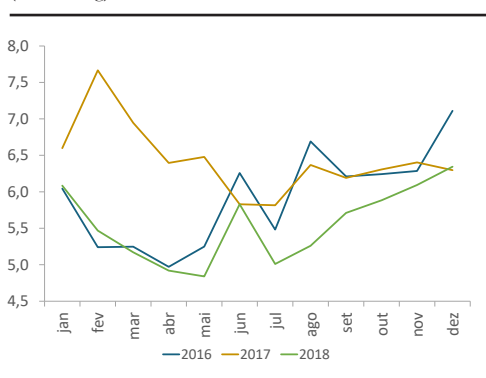


Perspectivas Boi:

Para 2019, operadores do setor esperam obter resultados favoráveis em termos de preços negociados ao longo da cadeia. As expectativas de aumento nas vendas domésticas, assim como da continuidade no bom desempenho das exportações, somam-se à diminuição do número de animais ofertados para abate – resultado do aumento de abate de fêmeas em 2018 –, e também à diminuição dos custos de produção.

No último trimestre de 2018, observaram-se menor oferta de suínos para abate e demanda mais aquecida por conta das festividades de final de ano, que elevaram os preços dos animais e, conseqüentemente, da carne. Na comparação entre o terceiro e o quarto trimestres de 2018, a carcaça suína negociada no atacado de São Paulo subiu 14,6%. Entretanto, na comparação entre os preços médios de 2018 e de 2017, houve redução de 13,8%, resultado da retração das exportações totais frente à produção crescente e conseqüente elevação da disponibilidade doméstica (gráfico 12). Especificamente quanto às exportações, essas foram limitadas pelo embargo russo ao longo de praticamente todo o ano.

GRÁFICO 12
Preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado na Grande São Paulo
(Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



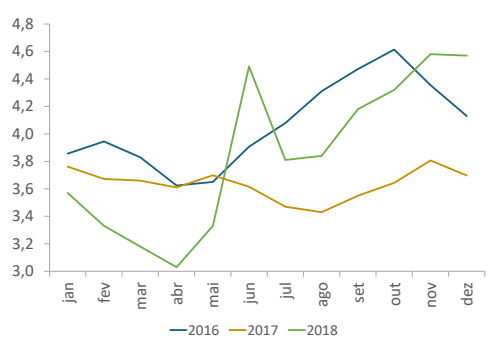
Perspectivas para a carne suína

Os preços da carne suína, que vinham em recuperação desde o segundo semestre de 2018, podem ser negativamente afetados pela maior competitividade da carne de frango, caso as exportações dessa última recuem em razão das incertezas políticas entre o Brasil e os países árabes. No entanto, essa queda pode ser atenuada ou revertida se as exportações brasileiras de carne suína forem impulsionadas pelo aumento da demanda de países que tiveram casos de Peste Suína Africana (PSA).

A típica preferência no final de ano pelo consumo de carnes com maior valor agregado, como a bovina e a suína, não enfraqueceu as vendas da carne de frango. No último trimestre de 2018, os preços tiveram aumento de 13,9% na comparação com o trimestre imediatamente anterior. E, na comparação com 2017, os preços médios de 2018 foram 6% maiores, influenciados pelo movimento de alta observado no segundo semestre (gráfico 13). Nesse período, a diminuição da produção teve papel relevante para explicar o aumento dos preços.

GRÁFICO 13

Preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado em São Paulo (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a carne de Frango

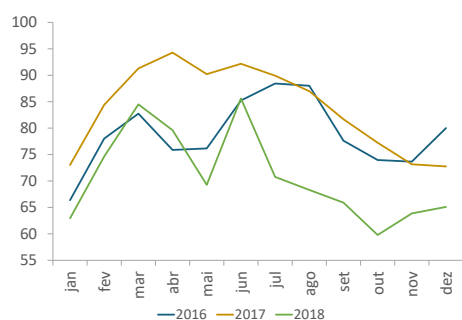
Apesar de as estimativas de maior produção de grãos sinalizarem um cenário mais favorável para o avicultor em 2019 (tendo em vista os custos de produção), as expectativas dos agentes da avicultura seguem pautadas no desempenho das exportações. Questões políticas podem prejudicar a relação comercial entre o Brasil e países árabes, importantes compradores. Caso esse cenário se concretize, os preços da carne de frango tendem a ser significativamente pressionados para baixo.

De modo geral, a elevada oferta de ovos exerceu forte pressão negativa sobre os preços no segundo semestre de 2018. Esse cenário refletiu, principalmente, os investimentos feitos no setor ao longo dos últimos anos, que resultaram no aumento da capacidade das granjas e da quantidade produzida. Especificamente, no quarto trimestre de 2018, o Indicador de Preços de Ovos Cepea recuou 7,9% frente ao trimestre imediatamente anterior e, considerando a média de preços em 2018, houve redução de 15,6% em comparação com 2017 (gráfico 14).

GRÁFICO 14

Indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco¹

(Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Nota: ¹ preços comercializados em Bastos, São Paulo.



Perspectivas - Ovos

O excesso de produção de ovos, verificado em 2018, pode novamente impactar a rentabilidade do avicultor de postura em 2019. No entanto, conforme a proximidade do período de quaresma, a liquidez no mercado tende a aumentar, favorecendo os patamares de preços.

2 Setor externo²

As tabelas 1 e 2 mostram as exportações e importações dos principais produtos agropecuários brasileiros em 2017 e 2018. Chama a atenção, inicialmente, que os três principais produtos – soja em grãos, celulose e farelo de soja – tiveram crescimento bastante elevado entre os dois anos, tanto em valor como em quantidade,³ compensando o desempenho negativo de praticamente todos os outros produtos. A soja teve aumento de 29% em valor e 23% em peso, sinalizando elevação de 5% nos preços de exportação. Ao mesmo tempo, o farelo de soja cresceu 35% em valor e 19% em quantidade, indicando aumento de 13% nos preços, e esse desempenho se deve, em primeiro lugar, ao forte crescimento da produção de soja nos últimos anos. Entre a safra de 2013/2014 e a safra de 2017/2018, a produção total, de acordo com a Conab, passou de 86,1 milhões de toneladas para 119,3 milhões de toneladas – com aumento de 4,6% apenas na última safra. As estimativas mais recentes, entretanto, preveem uma pequena redução da produção na presente safra. A previsão inicial de colheita de soja na safra 2018/2019 era de 117,2 milhões de toneladas; no entanto, devido a problemas climáticos em doze estados brasileiros, a queda prevista passou a ser de 16 milhões de toneladas, o que representa 13,85% a menos que a expectativa inicial, segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja Brasil). O estado do Paraná é, até o momento, o mais atingido, com perdas de 30%, seguido da Bahia e do Piauí, com 20% de perdas cada. Em Goiás, as perdas estimadas chegaram a 17%. Mato Grosso do Sul e Minas Gerais com 15% cada; São Paulo e Tocantins contabilizam prejuízos em 10% da safra, seguidos por Mato Grosso (8%), Maranhão (7%), Santa Catarina (5%) e Rio Grande do Sul (5%), onde o problema foi o excesso de chuvas. Destaque também para a guerra comercial entre Estados Unidos e China, que causou redução das exportações norte-americanas para o país da Ásia, em boa parte compensadas por vendas brasileiras. O aumento das exportações brasileiras para a China foi de 34,6% em valor e de 27% em quantidade. Vale notar que o impacto da redução das exportações norte-americanas para a China causou uma queda dos preços de todo o complexo da soja no mercado internacional a partir de junho, já que aumentou a oferta do produto para os demais países, ainda que o preço médio das exportações brasileiras de 2018 tenha sido superior ao de 2017. Vale lembrar que, em dezembro de 2018, a China e os Estados Unidos fizeram uma trégua de noventa dias e estão atualmente em processo de negociação.

A celulose também experimentou uma elevação de 32% em valor e de 11% em quantidade, resultando numa elevação de 19% no preço médio. Tal desempenho pode ser explicado pelo aumento da demanda dos mercados chinês, norte-americano e europeu, pelo câmbio favorável e pela ampliação da capacidade produtiva da indústria brasileira. No caso do mercado chinês, o aumento foi de 38% no último trimestre do ano, se comparado com o mesmo período de 2017. Este setor recebeu investimentos nos últimos quinze anos e tem se apresentado extremamente competitivo no mercado internacional. O Brasil é o principal exportador e o

² Seção elaborada por Marcelo José Braga Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

³ As tabelas fazem referência a peso para deixar claro que foi esta a unidade utilizada a partir dos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

segundo maior produtor de celulose do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2018, os principais destinos das exportações brasileiras do produto foram a América Latina, Europa e América do Norte.⁴



TABELA 1

Exportação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil ton) e preço médio para os principais produtos, acumulado de janeiro a dezembro 2017-2018

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em%)
	2017	2018	Variação (Em%)	2017	2018	Variação (Em%)	
Soja mesmo triturada	25.718	33.191	29	68.155	83.605	23	5
Celulose	6.345	8.349	32	13.842	15.314	11	19
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.973	6.697	35	14.177	16.862	19	13
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	6.428	5.885	-8	3.944	3.823	-3	-6
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	5.070	5.458	8	1.206	1.354	12	-4
Açúcar de cana, em bruto	9.042	5.390	-40	23.331	18.205	-22	-24
Café cru em grão	4.600	4.357	-5	1.648	1.826	11	-15
Milho em grãos	4.567	4.035	-12	29.246	23.543	-19	10
Fumo em folhas e desperdícios	2.000	1.894	-5	443	441	0	-5
Algodão em bruto	1.358	1.587	17	834	916	10	7
Demais produtos	16.573	14.644	-12	-	-	-	-
Total	86.675	91.488	6	-	-	-	-

Fonte: SECEX/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As exportações de carne de frango em 2018, entretanto, sofreram queda de 8% em valor devido à redução tanto da quantidade (-3%) quanto do preço médio (-6%), se comparadas com 2017. Contribuiu decisivamente para esse desempenho a redução das exportações para alguns dos principais compradores, como Arábia Saudita (-20,1%), Hong Kong (-15%) e Japão (-22%). De acordo com a Conab e Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), tal redução se deveu a três fatores: *i*) retirada pela União Europeia de vinte plantas industriais brasileiras da lista de exportadores, decorrente da Operação Carne Fraca; *ii*) a acusação de *dumping* pela China – no entanto, segundo a ABPA, o Ministério do Comércio da China, a ABPA e as empresas do setor estão negociando a constituição de um *price undertaking*, ou seja, acordos de preços em conformidade com as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), que estão em fase final –; e *ii*) segundo a ABPA, atualmente, no Brasil, existem 58 plantas frigoríficas habilitadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a exportar, mas apenas trinta destas embarcam produtos efetivamente. O embargo das demais plantas foi devido a critérios técnicos, mais especificamente devido à constatação de irregularidades em alguns frigoríficos, encontradas por uma inspeção técnica feita pela autoridade sanitária saudita Saudi Food and Drug Authority (SFDA) realizada em outubro de 2018. Isso também pode sinalizar, segundo o setor produtor de carne, uma busca de redução da dependência árabe da proteína brasileira.

4 Disponível em: <https://www.iba.org/images/shared/Cenarios/46_Cenarios.pdf>.

Deve-se ressaltar que, no caso da Arábia Saudita (maior consumidor de carne de frango brasileira), apesar do resultado negativo no acumulado do ano, as vendas de carne halal no quarto trimestre de 2018, comparadas como igual período do ano anterior, subiram fortemente. Igual comportamento foi observado nas exportações para a China.

As exportações de carne de bovino aumentaram em valor (8%), apesar da queda nos preços médios, devido a um aumento de 12% na quantidade. Merecem destaque os aumentos das vendas de 67% para o Chile e de 60% para a China, superando Hong Kong como o maior comprador brasileiro de carne. Na comparação de 2018 com 2016, o aumento das exportações de carne bovina para a soma de China e Hong Kong foi de 79%.

As vendas externas de açúcar sofreram queda de 40% em valor e de 22% em quantidade, indicando redução de 24% no preço médio. A queda do valor exportado ocorreu em todos os mercados de destino, mas foi mais intenso nos casos de Bangladesh (-51%) e Índia (-42%). Justamente, a queda tanto de preços como de quantidades foi ocasionada, em grande parte, pelo aumento da produção em alguns países do sudeste da Ásia, como a Tailândia, que não apenas afastou os produtores brasileiros dos mercados asiáticos, devido ao menor custo de transporte, como provocou uma forte queda dos preços nos mercados internacionais. Entre o primeiro trimestre de 2017 e o quarto trimestre de 2018, os preços caíram cerca de 35% nos mercados mundiais.

O café também sofreu redução de 5% do valor exportado em 2018, apesar da elevação de 11% na quantidade devido à queda de 15% no preço médio do produto no mercado internacional. Como o Brasil continua sendo o maior produtor mundial de café, o aumento da produção e das exportações brasileiras, seguida pelo aumento das exportações do segundo maior produtor, o Vietnã, contribuiu para a queda dos preços.

A forte queda de produção de milho em 2018, em comparação com o ano anterior, provocou uma redução das exportações em 12% em valor, com redução de 19% na quantidade, apesar da elevação de 10% no preço médio. No entanto, a Conab estima que a primeira e a segunda safras 2018/2019 poderão atingir 91,2 milhões de toneladas, podendo superar em 12,9% a safra obtida em 2017/2018. A exportação de fumo em folhas também experimentou queda de 5% em 2018 devido à redução dos preços internacionais, ao passo que as exportações de algodão

aumentaram fortemente (17%), graças ao aumento tanto da quantidade como do preço médio.



As exportações brasileiras desses produtos têm uma importância muito grande no processo de formação de preços dessas *commodities*, pois o país é um dos três maiores exportadores mundiais de todos eles, exceto de algodão. A tabela 2 mostra os valores exportados pelos três principais países entre 2015 e 2017,⁵ já que os dados para 2018 ainda não se encontram disponíveis para a maioria dos países. Nos casos da soja, carne de aves, açúcar, café em grão e tabaco, com base nos dados de 2017, o Brasil é o maior exportador mundial. E no caso do farelo de soja e milho, o segundo maior exportador.

TABELA 2.A

Valor da exportação segundo produtos selecionados (2015-2017)

(Em US\$ mil)

Pais	2015	2016	2017
Soja			
Brasil	20.983.575	19.331.323	25.717.737
Estados Unidos	18.926.747	22.863.567	21.518.394
Argentina	4.269.945	3.233.303	2.732.359
Demais países	6.752.777	7.076.918	8.032.613
Total	50.933.043	52.505.111	58.001.103
Celulose			
Estados Unidos	8.469.281	8.290.247	8.605.975
Canadá	6.287.597	5.746.978	6.373.010
Brasil	5.603.405	5.575.279	6.355.349
Demais países	22.003.497	21.789.753	24.553.706
Total	42.363.780	41.402.258	45.888.040
Farelo de soja			
Argentina	9.673.249	9.970.589	9.081.554
Brasil	5.821.074	5.192.781	4.973.331
Estados Unidos	3.886.027	3.297.244	3.121.995
Demais países	6.900.046	6.119.282	5.678.778
Total	26.280.396	24.579.895	22.855.659
Carne de aves			
Brasil	6.378.888	6.128.024	6.577.583
Estados Unidos	3.464.182	3.309.402	3.628.535
Holanda	2.504.654	2.485.620	2.576.746
Demais países	11.218.202	11.045.352	12.215.932
Total	23.565.925	22.968.398	24.998.797
Carne de bovino			
Estados Unidos	5.153.493	5.236.383	6.170.820
Austrália	6.997.156	5.524.725	5.717.277
Brasil	4.664.109	4.344.815	5.069.890
Demais países	26.397.196	25.705.043	27.920.486
Total	43.211.954	40.810.966	44.878.473

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

⁵ Os dados dessa tabela podem estar um pouco diferentes dos apresentados pela Secex, pois não apenas a fonte original dos dados é o World Integrated Solution (WITS) da United Nations Trade Statistic Database (COMTRADE), como porque a classificação dos produtos não é exatamente igual à da Secex. De toda forma, as diferenças entre as duas fontes são bem pequenas.

TABELA 2.B

Valor da exportação segundo produtos selecionados (2015-2017)

(Em US\$ mil)

Pais	2015	2016	2017
Açúcar			
<i>Brasil</i>	7.641.481	10.435.844	11.411.927
França	1.100.540	1.065.355	1.344.838
Índia	1.186.417	1.449.658	966.329
Demais países	11.994.605	12.944.598	10.372.762
Total	21.923.042	25.895.456	24.095.856
Café			
<i>Brasil</i>	5.555.374	4.842.977	4.600.238
Vietnã	2.341.585	2.967.118	
Colômbia	2.526.532	2.417.692	2.513.780
Demais países	8.712.584	7.236.114	8.066.659
Total	19.136.074	17.463.902	15.180.678
Milho			
Estados Unidos	8.655.853	10.272.968	9.555.343
<i>Brasil</i>	5.008.963	3.739.923	4.631.046
Argentina	3.130.028	4.186.586	3.883.602
Demais países	11.844.110	10.871.957	11.540.051
Total	28.638.955	29.071.434	29.610.042
Tabaco			
<i>Brasil</i>	2.109.284	2.054.089	2.000.441
Estados Unidos	1.109.211	1.085.439	1.010.325
Bélgica	870.685	861.890	975.293
Demais países	6.392.715	6.735.835	5.923.505
Total	10.481.893	10.737.253	9.909.564
Algodão			
China	15.798.722	14.965.725	15.127.254
Estados Unidos	5.788.252	5.613.772	7.560.752
Índia	7.470.346	6.262.460	6.917.321
Paquistão	4.039.556	3.497.180	3.497.585
Turquia	1.703.314	1.719.340	1.717.488
Austrália	820.558	1.215.087	1.626.634
Hong Kong, China	747	213	1.604.666
<i>Brasil</i>	1.449.631	1.387.641	1.496.816
Demais países	14.286.054	13.908.997	11.622.713
Total	51.357.180	48.570.415	51.171.230

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

A tabela 3 revela que o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais é bem inferior ao das exportações. Em 2018, enquanto as exportações totais desses produtos alcançaram US\$ 91,4 bilhões, as importações foram de apenas US\$ 8,9 bilhões. Sem dúvida, o produto mais importante da lista de importados é o trigo, cujo valor aumentou em 31% em 2018, em razão dos aumentos semelhantes de quantidades (13%) e de preços (15%). De acordo com a Conab, o aumento das importações de trigo ocorreu mesmo com o aumento de 27% da produção em 2018 no país, principalmente devido ao forte crescimento da produtividade. Esse crescimento da produção em 2018 foi expressivo, no entanto, está recuperando o patamar dos anos anteriores.

As importações da maior parte dos outros produtos agroindustriais sofreram redução em 2018, na maior parte dos casos em razão de reduções nas quantidades. Destaque para o aumento na quantidade de azeite de oliva, com 32%.

As tabelas 4 e 5 mostram os valores exportados e importados em janeiro de 2019

frente a 2018. É verdade que as exportações em janeiro representam apenas 5% das exportações anuais, porém, de todo modo, vale verificar que as exportações de soja em grão e farelo de soja, celulose e milho já apresentaram forte crescimento no primeiro mês do ano, em todos esses casos com elevação ou estabilidade de preços. No caso das importações, chama a atenção o aumento do valor das importações de trigo devido ao grande crescimento de 21% dos preços médios do produto.

TABELA 3

Importação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil ton) e preço médio para os principais produtos, acumulado de janeiro a dezembro 2017-2018

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em %)
	2017	2018	Variação (Em %)	2017	2018	Variação (Em %)	
Trigo em grãos	1.149	1.502	31	6.022	6.817	13	15
Salmões-do-pacífico, etc.frescos, refrig. exc.filés, etc.	508	505	-1	72	77	6	-6
Produtos hortícolas preparados/conservado em ácido acético	506	466	-8	519	495	-5	-3
Malte inteiro ou partido, não torrado	412	403	-2	807	798	-1	-1
Azeite de oliva, virgem	292	382	31	52	69	32	-1
Demais produtos semimanufaturados	316	379	20	374	367	-2	22
Vinho de uvas	370	376	1	162	119	-26	38
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	406	343	-16	225	225	0	-16
Preparações utilizadas na alimentação de animais	255	272	7	96	92	-4	11
Leite e creme de leite concentrado/adicion.açúcar,etc.	332	271	-18	103	97	-7	-13
Demais produtos	4.402	3.979	-10	-	-	-	-
Total	8.950	8.879	-1	-	-	-	-

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

TABELA 4

Exportação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil ton) e preço médio para os principais produtos, janeiro 2018-2019

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em %)
	2018	2019	Variação (Em %)	2018	2019	Variação (Em %)	
Celulose	714	1.018	43	1.376	1.726	25	14
Soja mesmo triturada	594	815	37	1.564	2.154	38	0
Milho em grãos	469	734	57	3.022	4.224	40	12
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	395	482	22	1.128	1.261	12	9
Café cru em grão	418	408	-2	157	182	16	-16
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	466	407	-13	306	261	-15	3
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	426	384	-10	99	102	3	-12
Açúcar de cana, em bruto	447	285	-36	1.271	1.031	-19	-21
Algodão em bruto	130	188	44	79	109	38	5
Fumo em folhas e desperdícios	161	166	3	33	36	8	-5
Demais produtos	6.762	0	-100	-	-	-	-
Total	10.983	4.887	-56	-	-	-	-

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

TABELA 5

Importação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil ton) e preço médio para os principais produtos, janeiro 2018-2019

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em %)
	2018	2019	Variação (Em %)	2018	2019	Variação (Em %)	
Trigo em grãos	124	141	13	666	625	-6	21
Malte inteiro ou partido, não torrado	25	51	106	48	101	110	-2
Sal mões-do-pacífico, etc. frescos, refrig.exc.filés, etc.	46	48	4	8	8	1	3
Produtos hortícolas preparados/conservado em ácido acético	44	36	-16	46	36	-21	6
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	30	30	2	19	22	18	-14
Demais produtos semimanufaturados	38	30	-20	13	34	160	-69
Azeite de oliva, virgem	33	29	-11	5	6	8	-18
Cacau inteiro ou partido, em bruto ou torrado	28	29	1	13	13	0	1
Preparações alimentícias, outras	25	26	5	4	5	10	-4
Filés de peixes congelados, exceto de merluza	22	25	15	7	7	-1	16
Demais produtos	1.118	0	-100	-	-	-	-
Total	1.532	446	-71	-	-	-	-

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

3 Nível de atividade e emprego

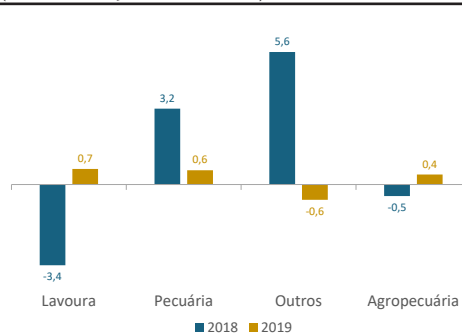
3.1 PIB agropecuário 2018 e 2019⁶

A produção pecuária e de outros produtos agropecuários (exceto lavoura) contribuíram positivamente para o PIB de 2018 (ver gráfico 15), de acordo com estimativa do Ipea com base nos dados das pesquisas trimestrais de abate de animais, do leite, do couro e da produção de ovos de galinha. A tabela 6 mostra que os produtos que apresentaram maiores taxas de crescimento foram os ovos, com 8,1%, e a carne bovina, com 3,4%.

GRÁFICO 15

PIB do setor agropecuário: estimativa para 2018 e previsão para 2019

(Taxa de variação, em % ao ano)



Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

TABELA 6

Produção de carnes, ovos e leite em 2019

(Taxa de crescimento anual, em %)

Produtos	2018 (IBGE)
Carne bovina (eq. Carc) (milhões ton)	3,4
Frango (mil ton)	-0,7
Leite (milhoes l)	0,5
Ovos (mil dúzias)	8,1
Suíno (mil ton)	2,9

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de conjuntura/Dimac/Ipea.

O gráfico 15 mostra que a queda estimada de 3,4% do valor adicionado pela lavoura foi a responsável pela queda de 0,5% no setor agropecuário no acumulado do

⁶ Subseção elaborada por Leonardo Mello de Carvalho, Pedro Mendes Garcia, José Ronaldo Souza Júnior e Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea.

ano, apesar da já mencionada alta dos demais segmentos do setor. Dos dezenove produtos da lavoura, onze tiveram queda em 2018, sendo o milho, a laranja e a batata inglesa os componentes com quedas mais significativas – 18,3%, 10,7% e 10,1%, respectivamente (ver tabela 2). Em 2018, houve redução da área plantada de milho devido principalmente ao estresse hídrico – também foi por redução de área plantada que a batata inglesa teve queda de produção. A laranja, entretanto, sofreu questões climáticas. A estiagem entre os meses de maio e julho reduziu a oferta. Os frutos de todas as variedades apresentaram peso médio abaixo do esperado, e, mesmo com significativas altas na produção apresentadas pelos demais produtos – como no algodão em caroço (28,4%) e no trigo (25,1%) –, os produtos da lavoura fecharam 2018 com queda.

TABELA 7

Produção agrícola: estimativa de 2018 e projeção para 2019

(Taxa de crescimento anual, em %)

Produtos	2018	2019
Algodão em caroço (mil ton)	28,4	8,9
Amendoim em casca (mil ton)	3,1	-0,8
Arroz em casca (mil ton)	-5,8	-5,0
Banana (ton)	-6,6	0,9
Batata inglesa (ton)	-10,1	-7,0
Cacau (ton)	19,1	-1,9
Café (total)	31,2	-10,8
Cana-de-açúcar (ton)	-2,0	-1,2
Feijão (mil ton)	-9,6	-1,5
Fumo em folha (ton)	-8,8	-2,9
Laranja (ton)	-10,7	-5,7
Mandioca (ton)	-5,9	4,2
Milho (mil ton)	-18,3	9,9
Soja (mil ton)	2,5	-2,6
Tomate (ton)	-6,6	6,1
Trigo (mil ton)	25,1	-4,3
Uva (ton)	-5,2	-15,1

Fonte: Levantamento Sistemático de Produção Agrícola (LSPA)/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Levando em conta as estimativas do IBGE, e com base em modelos econométricos de séries de tempo, o Ipea trabalhou um cenário para o PIB agropecuário em 2019 (ver gráfico 15). Com previsão de 0,7% para o resultado da lavoura e 0,6% para o da pecuária, o setor crescerá 0,4% este ano, tomando por base a projeção da LSPA, divulgada semana passada, e das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha, todas do IBGE. A lavoura deixaria de contribuir negativamente para o setor, impulsionada pela produção de milho (ver tabela 7), que tem expectativa de aumento de 9,9% na produção. Para 2019, a previsão é aumentar tanto o consumo doméstico quanto as exportações do produto. O algodão em caroço, que foi destaque em 2018, continuaria crescendo, contudo, de forma mais modesta (8,9%).

No caso da pecuária, a tendência de crescimento permaneceria. Assim como observado na estimativa para 2018, na projeção para 2019, o componente fecharia o ano com alta.

3.2 Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços⁷



Consideradas informações até novembro de 2018, projeções do Cepea/Esalq/USP, feitas em parceria com a CNA, apontam para uma variação interanual de 2,1% no PIB-volume do agronegócio. Em termos de volume, todos os segmentos do agronegócio devem apresentar crescimento em 2018, com 5% para insumos, 0,6% para o primário, 2,3% para a agroindústria e 2,5% para os agrosserviços.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária; produção agropecuária básica, ou primária; agroindústria (processamento); e agrosserviços.

Para o segmento de insumos, o volume de produção em 2018 deve ser maior que o de 2017 para todas as indústrias acompanhadas, com destaque para fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas. De modo geral, a boa liquidez das safras de grãos em 2018, assim como a expectativa de uma boa safra 2018/2019 (com aumento de área e produtividade), impulsionaram o PIB-volume do segmento de insumos.

No caso do segmento primário, o crescimento do PIB-volume no ramo da pecuária, aliado às maiores safras de produtos agrícolas importantes em termos de valor de produção, como algodão, café e soja, levam ao resultado observado. No segmento a jusante, maiores volumes foram observados tanto para indústria de base agrícola quanto pecuária, com destaque para a expansão da produção de biocombustíveis; de óleos e gorduras vegetais; de café; e para a indústria da madeira (produtos de madeira, móveis e papel e celulose) e do abate.

Além das variações em volume do PIB, o Cepea/USP também calcula, em parceria com a CNA, as variações de preços relativos e da renda do agronegócio e de seus segmentos. A tabela 7 mostra a variação interanual estimada para esses indicadores, assim como a variação acumulada no período de janeiro a novembro de 2018 para a renda do agronegócio.

TABELA 1 PIB

Varição prevista para o PIB-renda e os preços relativos do agronegócio de 2018¹

(Em %, com informações até nov./18)

	Preços Relativos*	PIB-renda do Agronegócio
Agronegócio Total (projeção anual 2018)	-2.72	-0.71
↳ Resultado acumulado até nov./2018	-2.50	-0.65
- Insumos	5.89	11.18
- Primário (Agropecuária)	-3.29	-2.73
- Agroindústria	-1.08	1.2
- Agrosserviços	-4.45	-2.06

Fonte: Cepea/USP e CNA, com base em dados próprios e IBGE, Conab, Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) e Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Defesa Vegetal (Sindiveg).

Nota: ¹ Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

⁷ Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Morais e Marcello Luiz de Souza Junior, todos do Cepea/Esalq/USP.

Quantos aos preços do agronegócio, avaliando-se dados de janeiro a novembro de 2018 (em comparação com o mesmo período de 2017), houve recuo de 2,72% frente aos preços médios da economia. A queda de preços relativos tem marcado todos os segmentos, exceto o de insumos, para o qual a relação de preços tem sido impulsionada por elevações para fertilizantes e rações para animais.

Para o segmento primário do setor, ainda que a relação de preços tenha passado por melhoras sucessivas ao longo do ano (sobretudo para os produtos agrícolas), na comparação entre janeiro a novembro de 2018 com o mesmo período de 2017, houve redução de 3,29% nos preços relativos. Esse resultado atrela-se principalmente ao ramo pecuário, para o qual se observa expressiva redução de preços para alguns produtos, como ovos e suínos, e valorização de insumos importantes para a produção, como rações, milho, eletricidade e combustível.

Diante da queda de preços, projeta-se retração anual de 0,71% na renda do agronegócio, com redução acumulada de 0,65% até novembro. Entre os segmentos, a redução mais expressiva é projetada para o primário, de 2,73%. Ainda no que tange ao segmento primário, vale lembrar que a base de comparação para o cálculo do crescimento, ou o ano de 2017, se tratou de um ano de forte expansão da produção, com safras agrícolas recordes e crescimento da produção pecuária. Especificamente para a agroindústria, o crescimento em volume superou a queda dos preços relativos, e espera-se crescimento da renda do agronegócio para 2018 (1,20%).

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter

José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Mercados e Preços Agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (Cepea/Esalq-USP)

Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (Cepea/Esalq-USP)

André Sanches (Cepea/Esalq-USP)

Marcela Barbieri (Cepea/Esalq-USP)

Caroline Ribeiro (Cepea/Esalq-USP)

João Paulo Bernardes Deleo (Cepea/Esalq-USP)

Renato Garcia Ribeiro (Cepea/Esalq-USP)

Natália Salaro Grigol (Cepea/Esalq-USP)

Shirley Martins Menezes (Cepea/Esalq-USP)

Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Cepea/Esalq-USP)

Juliana Ferraz (Cepea/Esalq-USP)

Maristela de Mello Martins (Cepea/Esalq-USP)

Setor externo

Marcelo José Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

PIB agropecuário 2018 e 2019

Leonardo Mello de Carvalho (Dimac/Ipea)

Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)

José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)

Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea (Dimac/Ipea)

Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (Cepea/Esalq-USP)

Nicole Rennó Castro (Cepea/Esalq-USP)

Leandro Gilio (Cepea/Esalq-USP)

Leandro Gilio (Cepea/Esalq-USP)

Ana Carolina de Paula Morais (Cepea/Esalq-USP)

Marcello Luiz de Souza Junior (Cepea/Esalq-USP)



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Matheus Rabelo de Souza
Monyk Brites Alves Cardoso
Pedro Mendes Garcia
Renata Santos de Mello Franco
Victor Henrique Farias Mamede

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.